



PATRIMÔNIO CULTURAL E INTERVENÇÕES URBANAS: ESTRATÉGIAS MIDIÁTICAS DE CIDADES GLOBAIS

EIXO TEMÁTICO 2: REGIMES DE VERACIDADES E HISTORICIDADE

PANTALEÃO, Sandra Catharinne

Doutora em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Estadual de Goiás e Pontifícia Universidade Católica de Goiás
sandra.resende@ueg.br

ADORNO, Israel do Carmo

Mestrando em Desenvolvimento e Planejamento Territorial, PUC Goiás
adornoisrael23@gmail.com

AIRES, Ana Clara Spadeto

Mestranda em História, PUC Goiás
aninhaspadeto@gmail.com

RESUMO

Este trabalho aborda as práticas arquitetônicas que associam projeto urbano e preservação do casco histórico, focando nas cidades de Paris e Berlim e as intervenções urbanas realizadas na virada do milênio. Busca-se compreender a dualidade das práticas urbano-arquitetônicas sobre preexistências: metodologias de projeto cuja premissa reside na relação entre arquitetura e cidade via projeto urbano e a apropriação dessas práticas pelo capital financeiro. Os objetivos incluem dinamizar economicamente essas áreas pela adoção do planejamento estratégico e a conversão das intervenções em objetos midiáticos como estratégia de consumo das cidades em escala global. Paris e Berlim são exemplos desses processos, em que são observadas novas estratégias e metodologias adotadas por arquitetos em consenso com as políticas urbanas, abrangendo tanto a gestão do existente quanto a criação do novo mediante parcerias público-privadas. A pesquisa revisita termos concernentes à definição de cidade e demonstra a ampliação de escala associada à atuação de arquitetos-estrela nesses processos, validando as estratégias econômicas na proposição de “formas urbanas extremas”. Como resultado, apresentam-se reflexões sobre os Grandes Projetos Urbanos em Paris, identificando suas escalas e categorias e na capital alemã, as experiências antes e após a queda do Muro de Berlim. Em ambas as cidades, constata-se mudanças no projeto urbano tendo por referencial as camadas propostas por Vázquez (2004), da cidade histórica à cidade do espetáculo.

PALAVRAS-CHAVE: intervenções urbanas; cidades globais; práticas arquitetônicas; preexistências; projeto urbano.

ABSTRACT

This study examines architectural practices that integrate urban design and historic preservation, focusing on the cities of Paris and Berlin and the urban interventions carried out at the turn of the millennium. It seeks to understand the duality of urban-architectural practices concerning pre-existing structures, exploring design methodologies based on the relationship between architecture and the city through urban planning, and the appropriation of these practices by financial capital. The objectives include economically revitalizing these areas through strategic planning and transforming interventions into media objects as a strategy for global city consumption. Paris and Berlin are presented as examples of these processes, in which new strategies and methodologies are adopted by architects in alignment with urban policies, encompassing both the management of existing structures and the creation of new ones through public-private partnerships. The research revisits concepts related to the definition of the city and demonstrates the expanded scale of intervention associated with the role of "star architects" in these processes, validating economic strategies through the creation of "extreme urban forms." As a result, reflections are presented on the Grand Urban Projects in Paris, identifying their scales and categories, and in the German capital, the experiences before and after the fall of the Berlin Wall. In both cities, changes in urban design are observed with reference to the layers proposed by Vázquez (2004), from the historic city to the city of spectacle.

KEY-WORDS: *Urban interventions; Global cities; Architectural practices; Pre-existing conditions; Urban design*

RESUMEN

Este trabajo aborda las prácticas arquitectónicas que asocian diseño urbano y preservación del casco histórico, enfocándose en las ciudades de París y Berlín y las intervenciones urbanas realizadas al cambio del milenio. Se busca comprender la dualidad de las prácticas urbano-arquitectónicas sobre preexistencias, explorando metodologías de diseño cuya premisa reside en la relación entre arquitectura y ciudad mediante el proyecto urbano y la apropiación de estas prácticas por el capital financiero. Los objetivos incluyen dinamizar económicamente estas áreas mediante la adopción de la planificación estratégica y la conversión de las intervenciones en objetos mediáticos como estrategia de consumo de las ciudades a escala global. París y Berlín son ejemplos de estos procesos, en los que se observan nuevas estrategias y metodologías adoptadas por arquitectos en consenso con las políticas urbanas, abarcando tanto la gestión de lo existente como la creación de lo nuevo mediante asociaciones público-privadas. La investigación revisita términos relacionados con la definición de ciudad y demuestra la ampliación de escala asociada a la actuación de arquitectos estrella en estos procesos, validando las estrategias económicas en la proposición de "formas urbanas extremas". Como resultado, se presentan reflexiones sobre los Grandes Proyectos Urbanos en París, identificando sus escalas y categorías, y en la capital alemana, las experiencias antes y después de la caída del Muro de Berlín. En ambas ciudades, se observan cambios en el proyecto urbano tomando como referencia las capas propuestas por Vázquez (2004), de la ciudad histórica a la ciudad del espectáculo.

PALABRAS CLAVE: *Intervenciones urbanas; Ciudades globales; Prácticas arquitectónicas;
Preexistencias; Diseño urbano*

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a dinâmica urbana de Paris e Berlim entre 1970-2010, mediante os investimentos financeiros e mudanças urbano-arquitetônicas concernentes às cidades globais. Somam-se às intervenções, as mudanças na prática arquitetônica, especialmente em relação à escala dos projetos urbanos. O conceito de "Bigness", conforme definido por Koolhaas (1995), permite descrever os fenômenos urbanos relacionados a aspectos econômicos e midiáticos, em que a atuação profissional abrange as escalas urbanas e edíficas. O recorte temporal refere-se à adoção de estratégias de gestão desde meados dos anos 1970 à primeira década do atual século. Trata-se de um período marcado por investimentos financeiros e transformações urbano-arquitetônicas em ambas as cidades globais. A arquitetura tem papel decisivo nesse processo ao ser convertida como estratégia para projetos urbanos que abarcam distintas escalas.

As cidades passam a ser tratadas como negócio, onde a gestão territorial se alinha à visão empresarial por meio da integração de city marketing e planejamento estratégico. A urbanização intensificada a partir dos anos 1980, impulsionada pelas tecnologias de informação, facilitou a mobilidade do capital, reestruturando economias e incentivando a desregulamentação financeira e a perspectiva das cidades como objetos de consumo midiático.

Sassen (2008) introduz o termo cidades globais para descrever como essas cidades se tornam pontos de articulação planetários, movidos por fluxos de informação e capital especulativo. Segundo a autora, não há uma cidade global perfeita, mas sim conjuntos de características que tornam algumas cidades mais atrativas para determinados tipos de empreendimentos e investimentos. Dessa forma, seus edifícios e espaços públicos são convertidos em imagens midiáticas, exclusivas e assinadas, alavancando sua atratividade, como aponta Arantes (2021). A pesquisa explora as experiências de Paris e Berlim, analisando a adaptação de seus espaços urbanos a modelos de planejamento estratégico. Pantaleão (2020), a partir de Koolhaas (1995), discute a modernização europeia e a "destruição criativa" em áreas periféricas de Paris. Por outro lado, as dinâmicas urbanas pós-queda do Muro em Berlim evidenciam como grandes projetos urbanos podem tanto preservar o patrimônio existente quanto introduzir intervenções urbano-arquitetônicas em áreas históricas.

AMPLIAÇÃO DE ESCALA: DA PROTEÇÃO ÀS ESTRATÉGIAS URBANO-ARQUITETÔNICAS NA SALVAGUARDA DO TECIDO URBANO

As reestruturações urbanas da virada do milênio se articulam ao trinômio globalização, capital financeiro e revolução técnico-informacional (Pantaleão, 2016), repercutindo na recuperação de áreas industriais abandonadas, valorização de áreas históricas ou criação de novas centralidades, voltadas ao mercado imobiliário local ou à dinâmica global. Para Sanchez (2001), trata-se da substituição do valor de uso pelo valor de troca, resultando em cidades-mercadorias visto o investimento público em infraestrutura e o privado em arquiteturas midiáticas e atrativas em escala global. Relacionando à proposição de leitura de projetos de Koolhaas (1995), pode-se dizer que são intervenções urbanas de larga escala ou *Bigness*. Para Pantaleão (2021) o termo se aproxima das expressões cidade-modelo, cidades-mercadoria, cidades do espetáculo, pois são propostas urbano-arquitetônicas com objetivo de alavancar economias, gerar capital e competitividade entre as cidades. *Bigness* envolve as questões espaço-temporal, político-econômicas e urbano-midiática à arquitetura contemporânea.

Colosso (2015) reforça essas questões, ao discutir a relação entre *bigness* e *business* tendo em vista a arquitetura icônica, festivalizada e pouco articulada às áreas históricas e culturas locais que são promovidas pelos governos locais na virada do milênio. Dias (2005) comenta que essas cidades europeias promovem espaços multiculturais, atraindo cada vez mais turistas. As estratégias adotadas relacionam o tradicional tecido urbano a novos lugares que promovem a Europa no panorama da cultura mundial, resultando em objetos-espetáculos urbanos, que se propagam como imagens midiáticas.

Posto isso, pode-se dizer que ocorre uma contraposição entre *tabula rasa revisitada e destruição criativa*, ou seja, a correlação ou não com as áreas históricas e protegidas pelo valor patrimonial, respectivamente, a gestão do existente ou criação do novo (Benévolo, 2007). Quanto ao tipo de intervenção, tem-se a sistematização apresentada por Pasquotto e Oliveira (2010), ao considerar as relações entre as áreas históricas, sua proteção ou a criação de novas centralidades em que o novo e o antigo conformam camadas temporais.

Koolhaas indica essa mudança ao reunir propostas e textos em S, M, L, XL (1995) sobre as intenções europeias decorrentes do Congresso de Amsterdã, que definiu o Ano Europeu do Patrimônio Arquitetônico (1975), com destaque à *Generic City* e *Bigness*. Esta seria o

desprendimento da história ou do “espartilho da identidade”, que por estratégias de empresariamento urbano, remeteria ao termo cidade do espetáculo (Sanchez, 2001).

Para tanto, a presença de renomados arquitetos de atuação global – arquitetos-estrela ou arquitetos de marca, torna-se peça indispensável e parte de um processo em que a arquitetura passa a servir muito mais ao capital do que à sociedade. Cabe lembrar a postura de Lefebvre (2008) em *O Direito à Cidade*, que critica a mercantilização do espaço urbano e a consequente alienação dos habitantes em relação à produção e ao usufruto da cidade. Para o autor, o espaço urbano deveria ser pensado como bem comum, proporcionando aos cidadãos o acesso equitativo aos benefícios e possibilidades oferecidos pela vida urbana.

No entanto, o protagonismo dos arquitetos-estrela e a instrumentalização da arquitetura para fins mercadológicos resultam na criação de “espaços de consumo”, focados em atrair capital e gerar valor simbólico e financeiro, em detrimento das necessidades sociais e culturais da população.

Ainda que haja os discursos de preservação das características locais, o que assiste-se é a formação de cenários tornando os espaços urbanos um produto a ser consumido, reforçando desigualdades e limitando a participação cidadã na construção e apropriação dos espaços urbanos.

Em complementação, deve-se também considerar as múltiplas temporalidades que tornam a cidade um objeto complexo e com nuances distintas. Vázquez (2004) busca descrevê-las por meio de uma taxonomia considerando as camadas que reverberam nas cidades desde meados dos anos 1970. A sistematização dos conceitos relativos às intervenções urbanas, desde a concepção da cidade por partes (Vázquez, 2004), orienta a análise pretendida tendo em vista os termos *musée imaginaire*, *branding urbano* e cidades globais para a análise dos projetos selecionados.

É possível observar, nas práticas urbano-arquitetônicas, a postura dos arquitetos, especialmente aqueles que se destacam por participação em concursos promovidos pela gestão pública em diversas partes do globo, os conceitos, objetivos e estratégias adotados nas intervenções urbanas recentes.

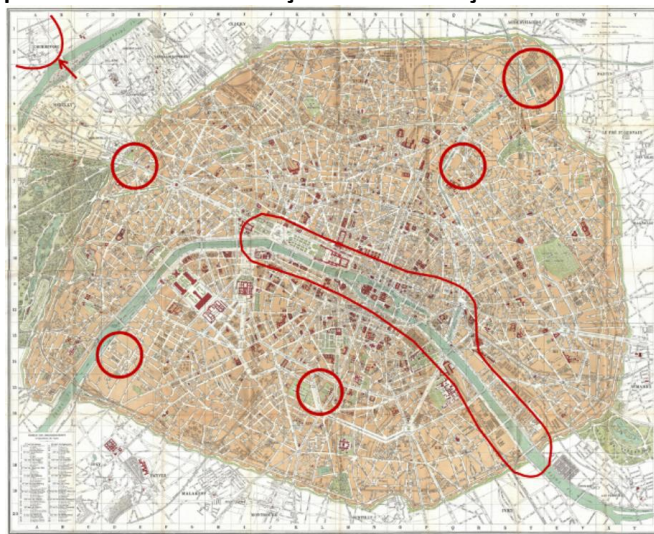
Como amostragem da pesquisa, são apresentadas as características urbano-arquitetônicas de Paris e Berlim com abordagem descritiva e explicativa com destaque à visão culturalista e às

camadas cidade histórica, cidade panejada e cidade pós-histórica propostas por Vázquez (2004) e as reflexões de Sanchez (2001).

Os Grandes Projetos da Era Mitterrand, conforme Arantes (1998), ocorrem em meio à crise do Petróleo de 1973. O governo francês optou por volutuosos investimentos em projetos de escala territorial ou *Bigness* em detrimento à recuperação ou construção de equipamentos sociais de porte médio ou soluções para os problemas habitacionais. A cultura foi a mola propulsora para a reestruturação e dinamização econômicas, ou seja, um grande negócio: bucou-se o desenvolvimento econômico da capital francesa por meio da indústria do turismo e entretenimento. Dentre as estratégias tem-se: a valorização da cultura e inserção de projetos inovadores articulados às áreas históricas, destacando edifícios antes tido como monumentos isolados (Choay, 1965) ou a proposição de edifícios inovadores, adotando a linguagem *high tech*, em sua maioria.

Paris consagra-se como cidade de vanguarda ao adotar as intervenções pontuais para valorização dos espaços públicos e criação de novas centralidades ao longo do Rio Sena. Isso permite compreender as intervenções urbanas condicionadas ao planejamento estratégico, tendo em vista como determinadas as propostas caracterizam-se como formas urbanas extremas moldadas pela condição urbana contemporânea (Koolhaas, 2001). Para a análise foram selecionados projetos da Era Mitterrand (1979-1989) (figura 2), visto a postura de vanguarda ao proporcionar oportunidades aos arquitetos recém-formados.

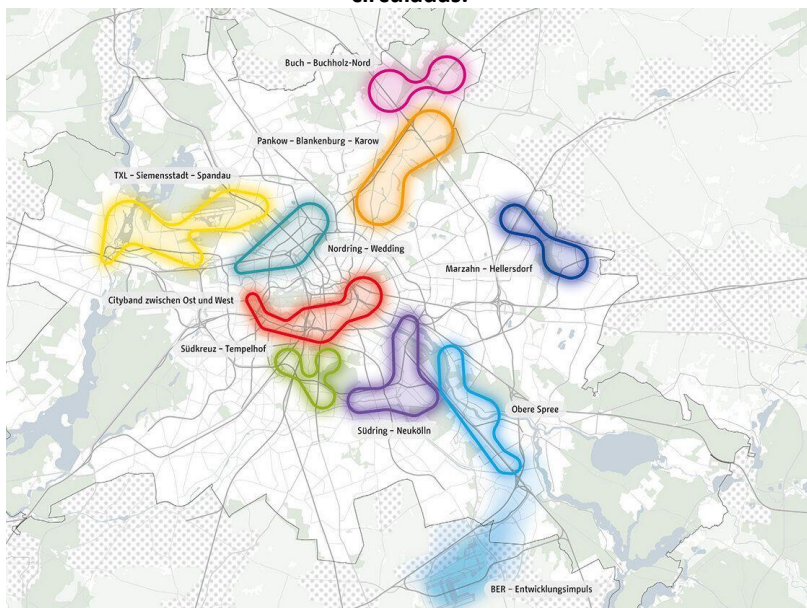
Figura 1: Mapa de Paris com a localização das intervenções da era Mitterrand (1992).



Fonte: Perotto e Pantaleão (2022).

Em Berlim destacam-se a IBA de 1987 (*Internationale Bauausstellung*) e a proposta da *Postdamer Platz* considerando que a capital alemã manifesta-se como laboratório de teorias urbanas ao longo do século XX (figura 3).

Figura 2: Mapa de Berlim com as principais áreas de intervenção urbana pós queda do Muro de Berlim circuladas.



Fonte: <https://www.berlin.de/sen/stadtentwicklung/planung/berlinstrategie/schwerpunktraeume/> acesso em: 17/03/2024

Primeiramente, foram analisados os mapas das cidades ao longo do tempo, identificando as transformações urbanas desde meados do século XVIII, refletindo as modernizações do período industrial, mediante a implantação de infraestruturas urbanas; as modificações do período pós-guerra, evidenciando as modificações e reconstruções do período e, finalmente, as intervenções pontuais que caracterizam as décadas de 1970-90.

Os projetos selecionados foram agrupados conforme características comuns, como, por exemplo, o tipo de intervenção, a postura do arquiteto quanto à conservação integrada ou destruição criativa, alcance global do arquiteto, suas possíveis reflexões teórico-críticas e contribuições para abordagens da cultura arquitetônica contemporânea aproximando-se das categorizações de Montaner (2008) e Benévolo (2007) e as camadas propostas por Vázquez (2004).

Considerou-se também a atuação dos agentes públicos quanto às correlações entre conservação integrada e planejamento estratégico e a competitividade a nível global por meio

de arquiteturas de formas extremas. A partir dessas questões pode-se identificar as estratégias e resultados das intervenções urbanas, aproximando-as da destruição criativa seja por meio da conservação integrada ou da criação de novos espaços urbanos.

De um modo geral, a metodologia adotada observou as escalas de intervenção presente nas propostas, sendo consideradas: escala territorial, em que áreas degradadas são objeto de transformação, ou seja, dimensão *Bigness*; escala intermediária em que o edifício é o elemento central e as correlações entre preexistências e novos usos, caracterizando a escala média. Também foram avaliados os edifícios em altura, que, por vezes, caracterizam-se como projetos isolados e dispersos, uma vez que não possuem as articulações com os espaços urbanos e/ou entorno imediato (Montaner, 2008). A partir dessas análises de escalas, os projetos selecionados foram agrupados em categorias, a saber: articulação entre edifícios e espaços públicos; intervenção em preexistências; edifícios em altura e a projetos de espaços públicos.

BERLIM E PARIS: REESTRUTURAÇÕES URBANAS, PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E COMPETITIVIDADE GLOBAL

As últimas décadas do século XX foram marcadas por intervenções em que são constatadas as relações entre o Estado e o setor privado, sendo operações urbanas – de grande escala e maior potencial publicitário, com características de “cidade dual”, “cidade do espetáculo” e “cidade global” (Vázquez, 2004). A espetacularização da cidade (Santos, 2006) ou produção da “cidade-empresa” (Harvey, 1996; Vainer, 2000), recria novas imagens e ao mesmo tempo em que promove rearranjos espaciais para readequá-las às novas necessidades locais.

Mediante a mediação política dos governos locais, o espaço urbano passou a integrar o circuito de reprodução e valorização capitalista, por meio de medidas de reestruturação urbana voltadas para as exigências da economia competitiva e pela construção de uma imagem que facilitasse sua inserção no mercado.

Em ambas as cidades aplicam-se as periodizações das intervenções urbanas (Pasquotto; Oliveira, 2010) e as reflexões de Koolhaas (1995; 2001; 2004) sobre a prática arquitetônica atual. Com isso, é apresentado um diagrama síntese das discussões relativas às intervenções urbanas (figura 3).

Figura 3: Intervenções urbanas ao longo do tempo, com destaque às mudanças do último quartel do século a partir dos diversos conceitos de RE's.



Fonte: Pantaleão (2018)

Seguindo as discussões apresentadas por Pasquotto e Oliveira (2010), as intervenções de meados do século XIX aos dias atuais perpassa por diferentes posturas. A primeira delas seria a renovação urbana com a prevalência do antigo sobre o novo. Em seguida, tem-se a remodelação de formas do passado e o incentivo da preservação da história local, criando um cenário propício para a dinamização urbana e, por fim, desde meados dos anos 1970, as intervenções visão gerir o existente ou criar o novo, sendo este articulado ao casco histórico das cidades. As dimensões entre projeto urbano e arquitetura configuram as intervenções urbanas contemporâneas, tendo por objetivos a comercialização das cidades, o aumento da visibilidade das ações políticas, a contenção da deterioração do ambiente construído e natural, o aumento de empregos e renda urbana. Para alcançar essas metas, foram utilizadas estratégias de *marketing* aplicado à cidade, mediante o planejamento estratégico, que envolvem a criação e construção de paisagens urbanas a partir do uso de projetos arquitetônicos monumentais e globais.

Alguns autores elegem esse período como reinvenção urbana, quando são adotadas formas urbanas inovadoras seja em áreas centrais ou periféricas com o objetivo de alcançar a eficiência, a competitividade e garantir atrativos midiáticos. Considerando esses aspectos, o projetos foram identificados a partir de três categorias: *waterfront* – projetos de valorização das áreas portuárias ou localizadas próximas aos cursos d'água; infraestrutura urbana –

projetos que envolvem inserção de equipamentos urbanos de grande escala e articulação territorial e projetos culturais – articulando novos usos a edifícios históricos e intervenções em áreas periféricas, constituindo novas centralidades. Os projetos foram sistematizados (quadro 1) tendo em vista identificar o ano do projeto, o arquiteto vencedor do concurso conjuntamente com as taxonomias propostas vinculando o tipo de intervenção, seus objetivos e estratégias, sendo elas: a) infraestrutura urbana – novas centralidades: recomposição de espaços públicos articulados a edifícios culturais, buscando dinamização econômica por meio de novas centralidade; b) intervenção em preexistências: trata-se da gestão do existente em que o edifício histórico assume novas funções e representa imagens propulsoras do turismo cultural; c) *waterfront* + novas centralidades: refere-se a proposição de novas áreas às margens de cursos d’água ou antigas áreas portuárias degradadas promovendo a renovação urbana e d) áreas periféricas – novas centralidades: refere-se ao processo de descentralização das cidades contemporâneas em busca de áreas estratégicas para alavancar o crescimento econômico sem o “espartilho da identidade”.

Quadro 1: Projetos selecionados e sistematização dos dados

Quadro 1.1: Projetos selecionados e sistematização dos dados

Intervenções Urbanas e Edifícios de Berlim				
Projeto	Ano	Arquitetos	Taxonomia	Escalas
Museu Judaico de Berlim	1987-1999	Daniel Libeskind	Infraestrutura urbana – novas centralidades	Territorial
The Kreuzberg Tower	1988	John Hejduk		Territorial
IBA Emscher Park	1989-1999			Bigness
Quartier Shcûzenstrasse	1992-1997	Aldo Rossi		Territorial
Potzdamer Plaza	1991-2000	Renzo Piano		Intermediária
Reichstag – Novo Parlamento Alemão	1999	Norman Foster		Territorial
Intervenções Urbanas e Edifícios de Paris				
Projeto	Ano	Arquitetos	Categoria	Escalas
Centro Cultural Pompidou	1971-1977	Renzo Piano e Richard Rogers	Infraestrutura Urbana – novas centralidades	Intermediária
Musée d'Orsay	1982-1985	Paul Andreu	Intervenção em preexistências	Intermediária
Instituto do Mundo Árabe	1981-1987	Jean Nouvel	Waterfront + novas centralidades	Intermediária
Parc La Villete	1982-1995	Bernard Tschumi	Áreas periféricas – novas centralidades	Bigness
Biblioteca Nacional da França	1989-1995	Dominique Perrault	Waterfront + novas centralidades	Territorial

Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

A partir da identificação das taxonomias propostas, passou-se a considerar as escalas do projeto, identificando os seguintes aspectos: a dimensão urbana dos projetos, as escalas e a relação com o referencial teórico adotado ou não pelo arquiteto e capacidade midiática da arquitetura em atrair investimentos para as cidades na virada do milênio. Essas considerações permitiram traçar reflexões, ainda que incipientes, sobre a globalização e os impactos das intervenções urbanas seja pelo resgate histórico ou pelo *branding urbano*.

PARIS, ENTRE A PRESERVAÇÃO URBANA E ESTRATÉGIAS MIDIÁTICAS

Os Grandes Projetos na capital francesa revelam um conjunto de ações do poder público a partir da gestão do existente e a criação do novo (Benévolo, 2007). Optou-se por volutuosos investimentos em projetos de escala territorial ou *Bigness* em detrimento à recuperação ou construção de equipamentos sociais de porte médio ou às soluções para os problemas habitacionais. A cultura foi, portanto, a mola propulsora para a reestruturação e dinamização econômica, ou seja, um grande negócio. As intervenções urbanas e estratégias de desenvolvimento econômico passam a estar mais alinhadas à valorização da cultura; os projetos buscam destacar monumentos e paisagens históricos e inserção de edifícios inovadores, adotando a linguagem *high tech*, em sua maioria.

Paris consagra-se como cidade de vanguarda, ao adotar as intervenções pontuais para valorização dos espaços públicos e criação de novas centralidades ao longo do Rio Sena. Ainda que as discussões daquele período fossem incipientes, possibilitaram observar o sucesso entre ações da gestão pública e as políticas patrimoniais adotadas na capital francesa. Pode-se considerar que foram as primeiras iniciativas que demonstraram a capacidade econômica do planejamento estratégico e a experimentação arquitetônica por meio de *formas urbanas extremas* moldadas pela condição urbana contemporânea (Koolhaas, 2001).

As estratégias parisienses para as intervenções urbanas ressoam por meio do discurso político de modernização e preparação da cidade para o século XXI em que se destacam: a valorização de seus bens patrimoniais, reforçando as tradicionais políticas de conservação e integrando-as à dinâmica da vida pós-moderna, isto é, são apresentadas como investimentos seguros para

a constituição de uma paisagem urbana atrativa. Nesse sentido, conforme aponta Sanchez (2001):

[...] Como instrumento de consolidação dessa agenda urbana, são desenvolvidas políticas de promoção e legitimação de certos projetos de cidade. Esses projetos são difundidos como emblemas da época presente. Sua imagem publicitária são as chamadas “cidades-modelo” e seus pontos de irradiação coincidem com as instâncias políticas de produção de discursos [...] (Sanchez, 2001, p. 32)

O debate sobre a crise urbana dos anos 1960 é abordada por Ellin (1999) buscando caracterizar o chamado urbanismo pós-moderno. A autora aponta que houve um conjunto de ações visando responder às mudanças sociais, econômicas e políticas do final do século XX, trazendo à tona preocupações como a gentrificação, a fragmentação do espaço urbano e a mercantilização da cidade. Uma das formas de propagação do debate ocorreu por meio de concursos com participação de jovens arquitetos, exposições e publicações.

Ainda que os concursos promovidos pela França tiveram como vencedoras as propostas apoiadas em dogmas racionais, a publicação das propostas apresentadas por jovens arquitetos contribuiu para o debate da época, ao apontarem caminhos distintos das propostas modernistas.

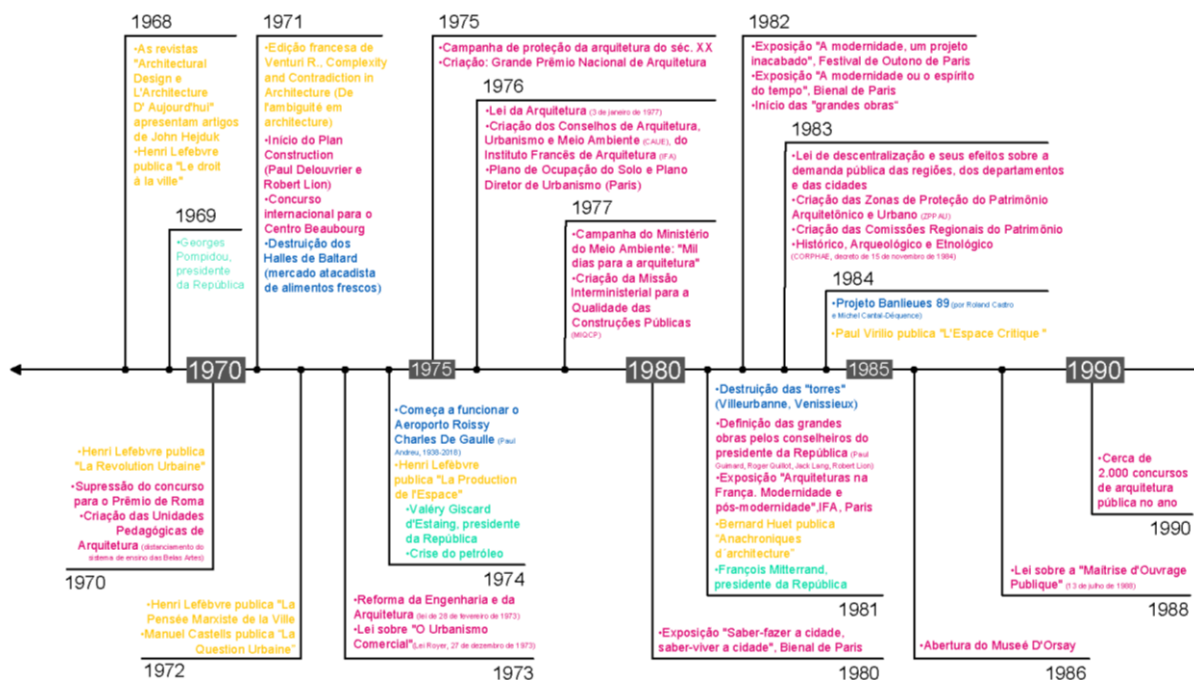
O urbanismo pós-moderno é caracterizado por resgatar aspectos históricos, culturais e sociais, promover a pluralidade de posturas, a preservação histórica e a criação de espaços que voltados à interação social. Aspectos estes por vezes ignorados pelo movimento modernista, que priorizava a funcionalidade, o progresso técnico e a homogeneidade dos espaços.

O *Program for New Architecture*, desenvolvido pelo governo francês em 1974, considerou as relações entre as habitações e espaços públicos, destinando parte das unidades às camadas de menor renda, relembrando “o direito à cidade” de Lefebvre (2008).

Esses concursos promoveram a valorização do urbano como uma condição fundamental, associada às qualidades tradicionais das cidades. Nesse período, foram propostas várias áreas habitacionais que ora apelavam para o rigor do racionalismo, ora ressaltavam características de estilos do passado. As iniciativas governamentais competiam com essas propostas, ao defenderem a conservação das edificações e ruas existentes, estimulando ações preservacionistas. Foi num cenário de crise (1973-1975), superado, em certa medida, pela

dinamização das cidades, a partir da readequação de edifícios existentes para habitações públicas, visando, sobretudo, à valorização da área central e histórica de Paris (figura 4).

Figura 4: Caracterização do contexto histórico relacionado à Era Mitterrand.



Fonte: Perotto e Pantaleão (2022).

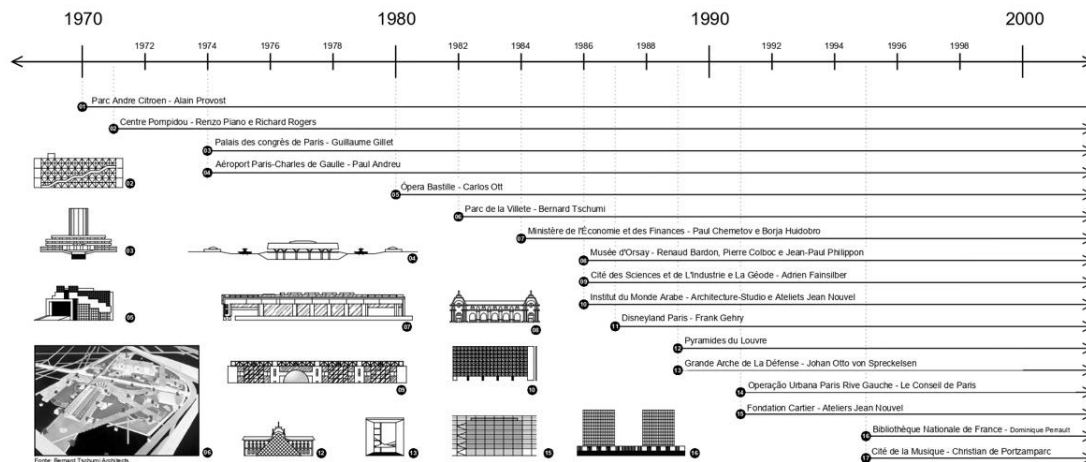
A França abriu espaço para jovens arquitetos de diversas origens, promovendo concursos públicos para projetos de intervenção urbana e construção de megaestruturas tecnológicas, destacando-se o Centro Cultural Georges Pompidou. Esse movimento impulsionou políticas públicas voltadas à valorização do espaço público, reconhecendo a fragmentação urbana e sua relação com o passado como uma reafirmação de interesses específicos e uma estratégia de descentralização urbana. Inicialmente, a recuperação da história estava associada à identidade, memória e lugar, mas passou a ser vista como uma oportunidade de dinamização econômica, por meio de um processo de destruição criativa e especulação do capital.

A intensa transformação do espaço urbano parisiense pode ser observada pelos projetos propostos pela gestão pública resultando num rol de propostas que desembocaram em novas centralidades, além de apresentar experiências que associam planejamento e projeto urbanos com preservação do patrimônio cultural arquitetônico.

Novas relações entre cidade e cultura se desenvolveram mediante as transformações econômicas, tecnológicas e pela intensificação da urbanização de meados dos anos 1980 em

diante. Para compreensão desse processo, tem-se a cronologia das propostas urbano, arquitetônicas e paisagísticas para Paris, que, por sua vez, foi dividida em zonas conforme as características tipo-morfológicas e sedimentação histórica (figuras 5 e 6).

Figura 5: Projetos urbanos em Paris – síntese cronológica 1970-1990.



Fonte: Perotto e Pantaleão (2022).

Figura 6: Localização dos projetos da era Mitterrand (anos 1980-90)

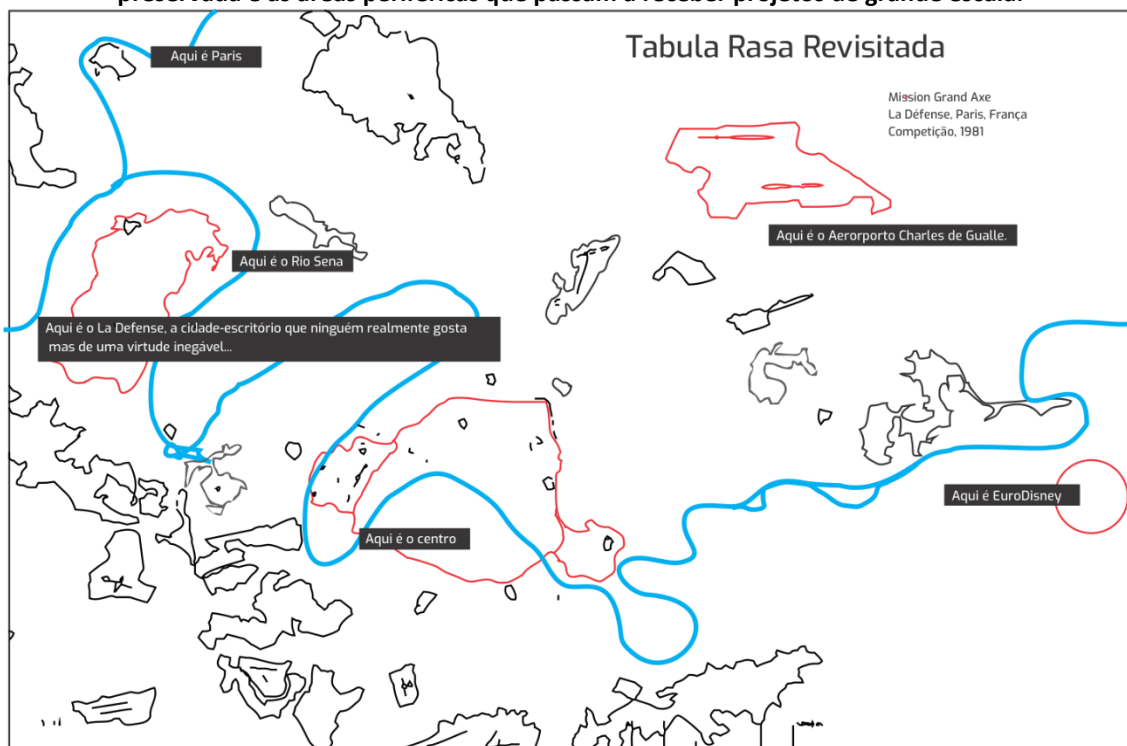


Fonte: Perotto e Pantaleão (2022).

Em *Tabula Rasa Revisited* (Koolhaas, 1995, p. 1090), Koolhaas aponta que proposta para o bairro La Défense garantiu a preservação da área central, ampliando a rede viária de Paris, por

meio da continuação dos eixos e marcos da cidade, iniciando no Museu do Louvre até o Arco la Defense, local em que os arranha-céus poderiam ser implantados (figura 7).

Figura 7: Indicação das áreas de intervenção em Paris, confrontando a dimensão da área central – preservada e as áreas periféricas que passam a receber projetos de grande escala.



Fonte: Pantaleão, 2021.

Koolhaas (1995), ao destacar as intervenções promovidas por Mitterrand, aponta a mudança de escala e a relevância do Rio Sena na criação de novas paisagens com destaque às áreas periféricas. Ele também ressalta a relação entre a área central de Paris e a expansão dessas intervenções nas regiões periféricas, com a introdução de novos equipamentos e bairros na cidade. No cenário global, o mercado de cidades comercializa os espaços urbanos por meio de imagens midiáticas, o que impulsiona setores como turismo e consumo, fortemente dependentes dessas representações. Assim, Paris projeta uma dupla imagem: a preservação de seu patrimônio histórico e as intervenções em preexistências como elementos essenciais para a construção de uma paisagem urbana contemporânea.

A transformação dos espaços urbanos em objetos de consumo tornou-se cada vez mais comum e intrínseca ao sistema financeiro global, o que Sánchez (2001) define como a produção global do espaço social. Um exemplo marcante desse fenômeno é o Centro Cultural

Georges Pompidou, ou *Beaubourg*, projetado por Richard Rogers e Renzo Piano, considerado o ponto de partida dos chamados megaprojetos. Essa foi, provavelmente, a primeira tentativa de uma cidade de se projetar mundialmente por meio da arquitetura e de intervenções em áreas históricas ou degradadas, além da promoção de concursos internacionais de arquitetura. Com esse movimento, a França buscava reafirmar-se como uma potência cultural internacional, direcionando grandes investimentos para o setor, visto como um importante atrativo de recursos financeiros.

Ademais *Beaubourg* provocou uma enorme recuperação de áreas lindeiras, servindo como experimento para a arquitetura contemporânea, tornando-se atração principal, mesmo com os processos de gentrificação subsequentes.

Em relação ao programa e ao projeto, há diferenças em comparação à definição tradicional de museus como guardiões da memória. No Centro Cultural Georges Pompidou, os objetos de arte se tornam coadjuvantes em meio a uma arquitetura grandiosa em todos os seus aspectos (Arantes, 1993). Essa arquitetura, diferente da produzida no início do século XX e carente de simbolismo, recupera a capacidade de significar, revestindo-se de um forte simbolismo político e econômico, e assumindo a forma de uma imagem publicitária.

Na década seguinte, destacam-se os projetos de jovens arquitetos e a disseminação das transformações de Paris, impulsionadas pela promoção de concursos. Um dos exemplos mais emblemáticos é o Parc La Villette, que buscava criar uma concepção de parque urbano para o século XXI. A modernização promovida por Mitterrand revelou profissionais pouco conhecidos, mas que foram fundamentais para reestabelecer paradigmas de vanguarda na prática projetual da arquitetura. Entre esses arquitetos emergentes, como Bernard Tschumi, Zaha Hadid e Rem Koolhaas, o foco central passou a ser a cidade e as estratégias possíveis que conectam teoria, prática e crítica na criação arquitetônica.

Segundo Arantes (2014), no final do século XX, nunca houve uma intensidade tão grande de projetos voltados à valorização de espaços públicos e projetos arquitetura de “animação da cultura”. A autora destaca que as intervenções urbanas pontuais surgiram como uma resposta crítica e uma negação aos preceitos modernistas, valorizando o desenho urbano. Paris exemplifica essa estratégia dupla de modernização no final do século: criar espaços públicos vibrantes e, ao mesmo tempo, respeitar a atmosfera característica da cidade.

Para a autora, além de “congelar” a Paris moderna, essas intervenções urbanas permitiram controlar a entrada de imigrantes e de populações de baixa renda, resultando na expulsão de parte dos moradores das áreas alvo das intervenções, sob o pretexto de requalificação urbana e modernização. Esse discurso, muitas vezes justificado como uma necessidade de revitalizar bairros degradados, funcionou como uma estratégia para atrair investimentos e aumentar a valorização imobiliária, mas também promoveu a gentrificação, deslocando os antigos residentes e reforçando desigualdades sociais. Dessa forma, a modernização de Paris atendeu a interesses econômicos e políticos específicos, mascarando a exclusão social por meio de um discurso de melhoria e progresso urbano.

Essas questões de exclusão e gentrificação em Paris refletem, em um nível mais amplo, as críticas de Koolhaas (1995) sobre o urbanismo moderno, que falhou em acompanhar a aceleração da urbanização. Uma das discussões mais acentuadas deste arquiteto refere-se ao “espartilho da identidade” em *Generic City* (1995) e lança olhares sobre a produção urbano-arquitetônica da virada do século. Em seu texto *What ever happened to Urbanism*, Koolhaas (1995, p. 958) aponta que o século XX perdeu a batalha contra a quantidade, dada a incapacidade do urbanismo de acompanhar a explosão demográfica das cidades. Ele afirma que a profissão de urbanista tem desaparecido à medida que a urbanização se intensificou, alertando para o “triunfo” da condição urbana contemporânea.

Ao projetar espaços urbanos como praças e edifícios, também se define como esses locais serão consumidos, através das práticas de *city marketing*. A promoção da imagem desses lugares gera uma competição entre cidades, que estão em constante mutação para se posicionarem como referências. Como observa Sánchez (2001, p. 36), “as imagens produzidas são territórios de investimentos simbólicos que necessitam ser permanentemente disputados na conquista e reprodução do consenso e na atração de novos investimentos”.

À medida que as imagens síntese atribuem valor à cidade representada e promovem uma leitura específica daquele lugar, elas restringem outras interpretações e visões potenciais do espaço. Essas leituras limitadas são, essencialmente, de natureza política e econômica, fazendo parte de um processo de relações de poder exercidas pelo Estado em conluio com grandes corporações financeiras globais.

Portanto, principalmente após a década de 1990, com a crescente globalização financeira, as políticas de *city marketing* se tornaram instrumentos do Estado para legitimar os projetos de modernização das cidades. Mas não somente com o intuito de criar estes espaços para a cidade, mas de criar espaços que promovessem a cidade e seus representantes políticos.

As cidades-mercadoria são, então, concebidas por meio de organização entre instituições públicas e iniciativas privadas e possuem sua imagem disseminada de diferentes formas, nas escalas local, nacional e internacional, sendo os grandes projetos arquitetônicos, catalisadores e sintetizadores fundamentais desse processo de mercantilização das cidades. Cada vez mais, usa-se da arquitetura como instrumento na requalificação dos espaços da cidade, com objetos únicos, que possuem a finalidade de catalisar os investimentos para determinada região, valorizando-a. Essa forma de planejar a cidade, voltada especialmente para o consumo, é recorrente na maioria das grandes cidades contemporâneas.

A partir da década de 1990, com a crescente globalização financeira, as políticas de *city marketing* tornaram-se instrumentos do Estado para legitimar projetos de modernização urbana. O objetivo além de criar espaços para a cidade promover imagens vinculadas a seus representantes políticos. Nesse contexto, as cidades-mercadoria são concebidas por meio de parcerias entre instituições públicas e iniciativas privadas, com suas imagens sendo disseminadas em diferentes escalas: local, nacional e internacional. Grandes projetos arquitetônicos desempenham um papel central nesse processo de mercantilização, atuando como catalisadores e símbolos midiáticos. Cada vez mais, a arquitetura é usada como um instrumento de requalificação urbana, criando objetos únicos que atraem investimentos e valorizam determinadas regiões. Essa abordagem, voltada principalmente para o consumo, é uma prática recorrente na maioria das grandes cidades contemporâneas e que caracterizou a prática profissional, reverberando em imagens midiáticas com circulação mundial.

Outra reflexão importante revela que as intervenções urbanas não surgiram com o propósito de melhorar a cidade para seus habitantes, mas de se tornarem objetos de geração de renda e reconhecimento para um seleto grupo de arquitetos. As diferentes escalas envolvidas nessas intervenções (urbana, paisagística e arquitetônica) têm sido exaustivamente exploradas por centenas de cidades que buscam obter títulos e status, atribuindo a si mesmas diferenciais competitivos e criando imagens emblemáticas em um mundo cada vez mais globalizado e

consumista. Essa abordagem— a "cidade dos promotores" — gera diversos problemas, especialmente no âmbito social, com o aumento da desigualdade e da segregação.

Paris exemplifica essa lógica de intervenção urbana, especialmente a partir dos grandes projetos arquitetônicos e urbanísticos promovidos nas últimas décadas. A cidade, ao se posicionar como um ícone global, investiu na criação de marcos simbólicos que reforçaram seu status de cidade global e destino turístico de destaque. No entanto, essa estratégia de valorização urbana resultou em um aumento da gentrificação e da desigualdade social, evidenciando os desafios e contradições inerentes ao modelo de cidade-mercadoria. Assim, discutir o papel emblemático de Paris possibilita também aferir as consequências dessa visão de cidade voltada para o consumo e a promoção de uma imagem idealizada.

BERLIM: DE LABORATÓRIO DE EXPERIÊNCIAS URBANÍSTICAS À CIDADE LOGO

As últimas décadas do século XX foram marcadas por grandes intervenções urbanas que evidenciaram a estreita relação entre o Estado e o setor privado, caracterizadas por operações de grande escala com forte potencial publicitário. Essas intervenções contribuíram para a configuração de "cidades duais", "cidades do espetáculo" e "cidades globais", conforme descrito por Vázquez (2004).

Nesse contexto, a capital alemã se destacou como um laboratório urbano-arquitetônico, consolidando-se como exemplo dessas transformações. Berlim foi palco de dois momentos de intervenção significativos: a *Internationale Bauausstellung* (IBA), realizada no lado ocidental da cidade antes da Queda do Muro, e as transformações urbanísticas na *Potsdamer Platz*, que ocorreram após a reunificação, no final dos anos 1990.

Para Gihardo (2017), a prefeitura de Berlim buscava, em um primeiro momento, na arquitetura e no urbanismo, alternativas para solucionar problemas sociais e atrair poder econômico e midiático. Com isso, a capital alemã foi se tornando um laboratório de experimentações urbano-arquitetônicas, culminando em dois casos marcantes de intervenção urbana: a *Internationale Bauausstellung* (IBA), realizada no lado Ocidental da cidade antes da Queda do Muro, e as transformações na *Potsdamer Platz*, após sua reunificação, no final dos anos 1990. Esses projetos visavam requalificar o espaço urbano e simbolizar o papel de Berlim como epicentro de mudanças políticas, culturais e econômicas

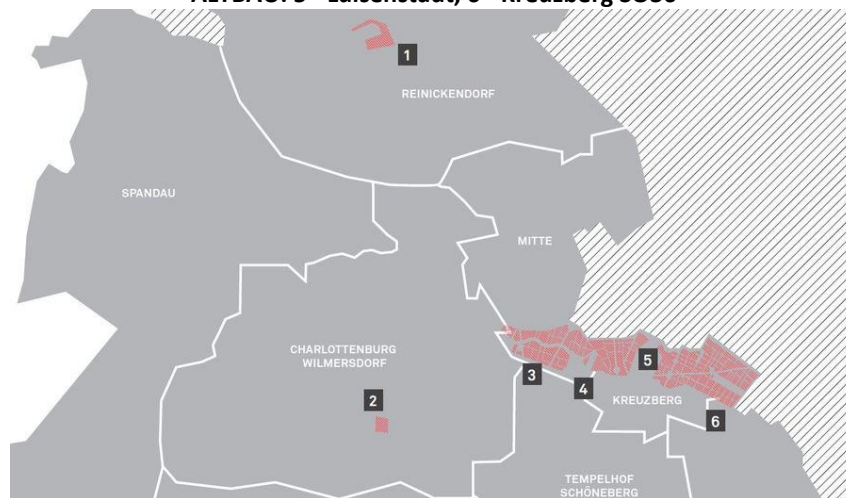
na Europa. Enquanto a IBA explorava conceitos de renovação e preservação no lado ocidental, as intervenções na Potsdamer Platz foram direcionadas à reconstrução e reconfiguração da cidade como um centro vibrante e conectado globalmente, utilizando uma arquitetura de grande escala e forte apelo midiático. Dessa forma, Berlim reafirmou seu papel como uma cidade em constante transformação, refletindo as tensões e os desafios de sua própria história.

A *Internationale Bauausstellung* (IBA) partiu de uma iniciativa da prefeitura de Berlim, atuando em projetos residenciais financiados por parcerias público-privadas, orientados pelo conceito de Urbanismo Contextualista. Esse enfoque visava respeitar o contexto existente dos bairros, promovendo uma integração entre novas construções e o tecido urbano pré-existente. Os projetos escolhidos e implantados durante a IBA seguiam algumas características comuns, como o respeito ao gabarito das edificações e uma mudança de abordagem projetual: o espaço a ser renovado passou a ser entendido como um "lugar", valorizando o sentido histórico e social da área. Essa estratégia buscava criar uma transição harmoniosa entre o novo e o antigo, promovendo a revitalização urbana sem descaracterizar a identidade local. Ao adotar essa postura, a IBA destacou-se como um modelo que conciliava preservação e inovação arquitetônica, contribuindo para o debate sobre intervenções urbanas em áreas históricas e de transformação.

Como exemplo, destacam-se os projetos do Quartier Schützenstrasse (1994-1996), Museu Judaico (1993-1999), The Kreuzberg Tower (1987-1988) e IBA Emscher Park (1989-1999). Esses projetos estão vinculados às experiências urbanísticas da "cidade da disciplina" e da "cidade histórica", conforme apontadas por Vázquez (2004). A primeira expressão refere-se ao planejamento urbano pelo controle da administração pública por meio de intervenções estruturadas e normativas, enquanto a segunda camada remete à preservação e valorização de diferentes períodos históricos e expressões culturais que moldam o espaço urbano.

Iniciativa da prefeitura, a IBA foi organizada como uma grande exposição de arquitetura no tecido urbano da capital alemã (Figura 7), com financiamento equilibrado entre recursos públicos e privados, concentrando suas ações predominantemente no setor residencial. As intervenções ocorreram, especialmente, na Friedrichstrasse (Figura 8) (Arantes, 2012, p. 108).

**Figura 8: IBA 1987: NEUBAU: 1 – Tegel Hafen, 2 - Prager Platz, 3 – Tiergarten do Sull, 4 – Friedrichstadt do Sul;
ALTBAU: 5 - Luisenstadt, 6 - Kreuzberg SO36**



Fonte: http://architectuul.com/architecture/view_image/iba-berlin-1987/32773

Figura 9: Proposta Bloco 10 em Friedrichstadt Sul de Aldo Rossi.



Fonte: <http://architectuul.com/architecture/rossi-house-block-10>

Os projetos vinculados à IBA representam os preceitos da "cidade da disciplina", ao valorizar o centro urbano e alinhar-se às recomendações da Carta de Amsterdã (1975), como a manutenção do tecido social preexistente e a superação do zoneamento e funcionalismo do urbanismo moderno. Nesse sentido, o bairro de Kreuzberg foi incluído nas propostas de conservação (*Altbau*), preservando a rede de pátios e vegetação existentes e melhorando os espaços públicos. Por outro lado, as propostas de reconstrução crítica (*Neubau*) foram concentradas em áreas afetadas pela guerra, permitindo maiores intervenções após um diagnóstico urbano detalhado.

Berlim, caracterizada como um arquipélago urbano, reflete um tecido fragmentado, resultado de sucessivas destruições e reconstruções ao longo de sua história. Nesse contexto, os projetos mencionados buscam lidar com essa fragmentação, integrando novas intervenções

às camadas históricas existentes e promovendo uma relação equilibrada entre o novo e o preexistente. Essa abordagem contribui para consolidar a cidade como um espaço em constante transformação, onde as marcas do passado dialogam com as novas formas urbanas, reafirmando Berlim como um laboratório de experimentação arquitetônica e urbanística.

No entanto, a queda do Muro alterou profundamente a configuração urbana de Berlim, transformando-a de uma "cidade da disciplina" em uma "cidade planejada", conforme o projeto Berlim 2000. O que antes era uma cidade dividida política e territorialmente entre duas Alemanhas distintas, agora precisava se unificar e projetar uma nova identidade, aplicando um planejamento estratégico ancorado em diversas intervenções urbanas. O objetivo era reposicionar Berlim como uma cidade global, modificando seu território para torná-la um dos centros do capitalismo tardio.

Para alcançar esse propósito, o governo local determinou que o crescimento urbano fosse regulado pelo planejamento urbano, reforçando a visão culturalista já experimentada no final dos anos 1980 e aplicando conceitos teóricos de Bernardo Secchi (Vázquez, 2004). Assim, houve uma continuidade dos princípios da "cidade da disciplina", conciliando o preexistente com novas construções. No entanto, ao buscar sua inserção no mercado global, houve uma transição da gestão pública para a privada no controle do solo urbano, o que gerou uma mudança de escala nas intervenções. As novas propostas passaram a estar mais associadas aos conceitos de *Large* e *Bigness* (Koolhaas, 1995), com projetos focados principalmente em usos comerciais e de serviços, em vez de habitacionais.

Um exemplo emblemático dessas novas diretrizes de transformação urbana foi a operação na *Potsdamer Platz*, caracterizada como uma "cidade dos promotores", na qual parte dos lotes foi vendida a três grandes multinacionais: Daimler-Benz, Sony e A+T (Figura 9).

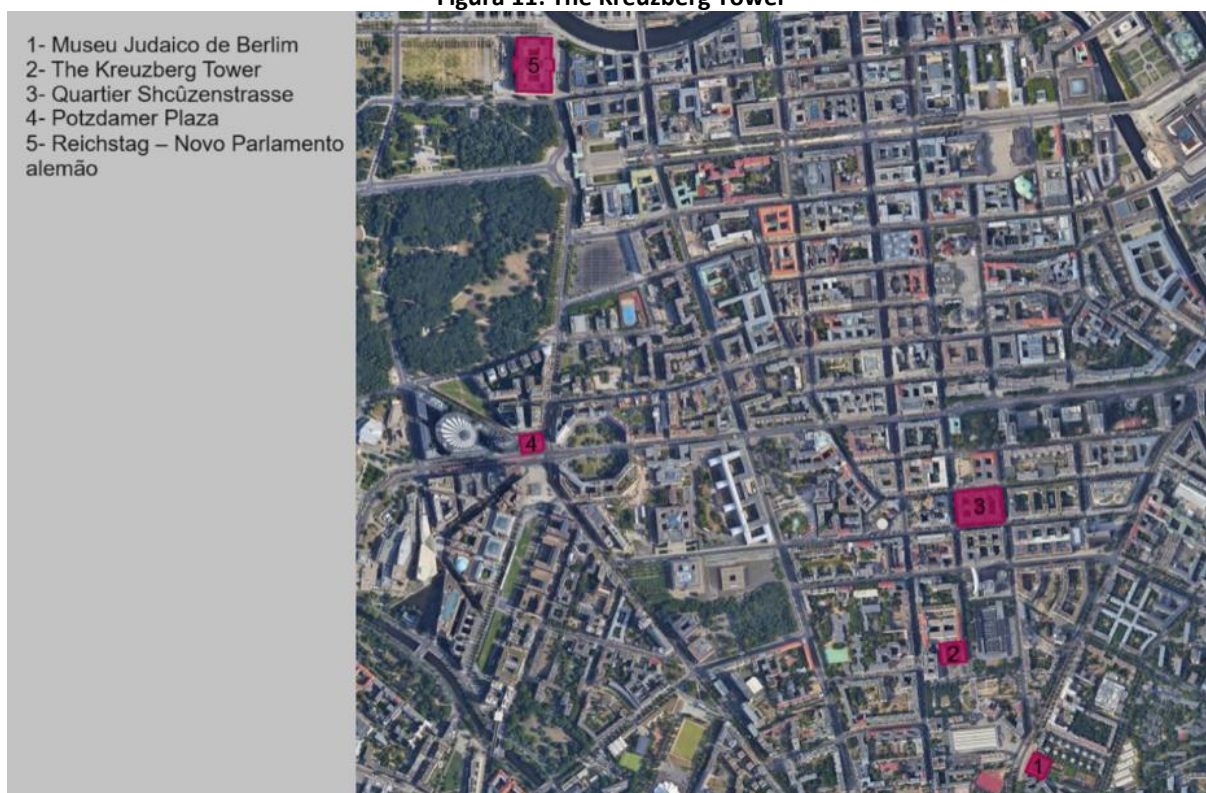
Figura 10: Potsdamer Platz, século XIX, final do século XX e atualmente com as intervenções urbanas.



Fonte: organizado pelos autores (2023)

Além dessa intervenção, destaca-se o projeto para o Parlamento Alemão, que reconfigurou a área do Portão de Brandemburgo e, por meio da cúpula projetada por Norman Foster, estabeleceu um novo símbolo de democracia para a Alemanha. Esse processo de transformação urbana resultou em uma mudança abrupta nos usos do solo, acompanhada por um *boom* imobiliário impulsionado pelas políticas públicas de ordenamento territorial. A grande oferta de propriedades ao mercado privado gerou uma ênfase maior na forma dos edifícios do que em sua distribuição na cidade (Figura 10).

Figura 11: The Kreuzberg Tower



Fonte: Produzido pelos autores, 2023.

Vázquez (2004) aponta a visão historicista alinhada às transformações urbanas de Berlim. Nesse contexto, pode-se observar que a IBA-1987 buscou aplicar os preceitos do debate culturalista em defesa da identidade, cultura e ética social, mas não impediu os desdobramentos da lógica do capitalismo tardio: a conversão das intervenções urbanas em imagens publicitárias. Em relação a isso, Muñoz (2008) caracteriza Berlim como cidade logo devido às mudanças do solo urbano em prol da especialização e especulação imobiliária. Segundo o autor, após a queda do Muro, Berlim passou a liderar o ranking de territórios valorizados para investimentos, com oportunidades tanto em áreas centrais quanto

periféricas, favorecendo a dinamização econômica. A cidade buscou criar uma paisagem urbana típica de cidades globais, marcada pela concentração de serviços terciários e pela presença de multinacionais. Esse processo de regeneração urbana desencadeou um ritmo acelerado de intervenções em várias zonas, com maior destaque para *Potsdamer Platz*, arredores do Parlamento Alemão, *Alexanderplatz*, *Leipziger Platz* e *Friedrichstrasse*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou estratégias comuns que reforçam a ampliação da escala dos projetos urbanos em Paris e Berlim, mobilizando escritórios de arquitetura por meio de concursos que impulsionaram novas práticas arquitetônicas e urbanas em diferentes partes do mundo. As propostas analisadas contribuíram para dinamizar economicamente as cidades e redefinir as práticas arquitetônicas, incorporando discursos de internacionalização dos mercados imobiliários e inserção da arquitetura na economia global (Vàzquez, 2004).

Em Berlim, observou-se uma crítica revisada ao Movimento Moderno, que evoluiu posteriormente para estratégias orientadas a posicionar a cidade como um nó estratégico na economia mundial (Arantes, 2012). Em Paris, os fundamentos do Movimento Moderno foram substituídos pela sobreposição de escalas, abandonando o conceito de edifícios isolados em favor de políticas de gestão que vinculam a transformação das cidades às práticas patrimoniais.

Em Paris, os projetos demonstram uma multiplicidade de escalas urbanas, especialmente em intervenções que dialogam com o patrimônio histórico. A cidade consolidou-se como vanguarda ao adotar intervenções pontuais que valorizam espaços públicos e criam novas centralidades ao longo do Rio Sena. Essas iniciativas reforçam a articulação entre intervenções urbanas e estratégias de desenvolvimento econômico, alinhadas à valorização da cultura e à promoção de projetos inovadores que destacam monumentos históricos (Arantes, 2012). Nesse contexto, Paris se estabelece como um ícone global, refletindo uma abordagem que transforma seu patrimônio histórico e cultural em um ativo midiático e econômico.

Em relação a Berlim, as estratégias adotadas evidenciam transformações significativas na gestão do solo urbano. A cidade se tornou um campo de experimentação para discursos

vigentes na virada do milênio, como a internacionalização dos mercados imobiliários e a adoção da escala *Bigness* como estratégia urbana (Koolhaas, 1995). A cidade atravessou fases distintas, desde o enfoque contextualista até a atualidade, destacando-se como uma "cidade-logo" (Muñoz, 2008). Essa trajetória revela uma crítica ao Movimento Moderno, seguida por uma adaptação estratégica para posicionar Berlim na economia global.

Assim, Berlim apresenta características da condição urbana contemporânea ao utilizar o *branding* urbano como ferramenta central em suas intervenções e Paris oferece experiências relativas à gestão do existente e criação do novo (Benévolo, 2007).

REFERÊNCIAS

ARANTES, O. B. Fi. **Chai-na**. São Paulo: Edusp, 2011.

ARANTES, O. B. **Berlim e Barcelona: duas imagens estratégicas**. São Paulo: Annablume, 2012.

ARANTES, O. B. **Urbanismo em fim de linha**. São Paulo: Edusp, 1998.

ARANTES, Otília et al. (Org.). **A cidade do pensamento único: desmanchando o consenso**. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 5-73.

ELLIN, N. **Postmodern urbanism**. New York, NY: Princeton Architectural Press, 1999.

DIAS, Fabiano. O desafio do espaço público nas cidades do século XXI. **Arquitextos**, São Paulo, ano 06, n. 061.05, Vitruvius, jun. 2005 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>>.

GHIRARDO, Diane Yvonne. **Arquitetura Contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KOOLHAAS, R. The Regime of ¥€\$. In: DAVIDSON, Cynthia. **ANYthing**. New York: The MIT Press, 1998.

KOOLHAAS, R. Preservation is Overtaking Us. **Future Anterior**. Volume 1, Nr. 2, Fall 2004.

KOOLHAAS, R. *et al.* **Harvard Design School Project on the City I: great leap forward**. Koln: Taschen, 2001.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LOPES, R. S. Um estudo sobre a era das formas urbanas extremas. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, [S. l.], v. 19, n. 31, p. 286-290, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/48317>. Acesso em: 3 abr. 2021.

MUÑOZ, Francesc. **Urbanización: Paisajes Comunes, Lugares Globales**. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili, 2008.

NESBITT, K. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

PANTALEÃO, S. C. **A condição urbana contemporânea na perspectiva de Rem Koolhaas**. 276 f. Doutorado (em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília: Brasília, 2016.

PANTALEÃO, S. C. Rem Koolhaas e regime ¥€\$™: paisagens programadas ou programáveis? **II Seminário de planejamento, paisagem urbana e sustentabilidade**. Goiânia, 2019.

PANTALEAO, S. C.; Medeiros, W. de A. PARC LA VILLETTE: AMPLIANDO ESCALAS, A CIDADE COMO REFLEXÃO TEÓRICO-CRÍTICA. In: DIRCE ELEONORA NIGRO SOLIS. (Org.). **Resistências e descolonialidades**. Rio de Janeiro. MAUAD X; FAPERJ, 2022, v. 1, p. 133-163.

PANTALEÃO RESENDE, S. C.; PEROTTO, B. do C. **Patrimônio e paisagem: estratégias urbanas e projetos arquitetônicos em Paris, cidade global**. *Coleção Gênese*, v. 4, 2022. Disponível em: https://www.pucgoias.edu.br/wp-content/uploads/2023/04/Genesis_V4_2022.pdf. Acesso em: 10 maio 2024.

PASQUOTTO, G. B.; OLIVEIRA, M. R. da S. As periodizações nas intervenções urbanas: uma análise das classificações de “Vargas & Castilho”, “Boyer” e “Simões Jr.” **Labor e Engenho**, Campinas, SP, v. 4, n. 3, p. 29–43, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/81>. Acesso em: 5 abr. 2022.

PEROTTO, Bruna do Carmo; PANTALEÃO, Sandra Catharinne. Patrimônio e paisagem: estratégias urbanas e projetos arquitetônicos em Paris, cidade global. In: NALINI, Lauro Eugênio Guimarães; VITORINO, Priscila Valverde de Oliveira; FEITOSA, Darlan Tavares (org.). **Coleção Gênese: Ciência e Tecnologia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2022. (Coleção Gênese, v. 4), cap. 18, p. 180-191.

RETTO JÚNIOR, Adalberto da Silva. Indagações a partir do livro *L'architettura della Città*, de Aldo Rossi. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, SP, v. 1, n. 2, p. 46-56, jun. 2008.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades da virada do século: agentes, estratégias e escalas de atuação políticas. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 16, p. 31-49, jun. 2001.

SASSEN, S. The global city introducing a concept. In: **The brown jornal of world affairs**. v. XI, issue 2, winter/spring, 2005, p. 27-43. Disponível em <<http://www.saskiasassen.com/pdfs/publications/the-global-city-brown.pdf>>. Acesso em 16 mar. 2021.

SECCHI, B. **A cidade do século XX**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SOJA, E. W. Postmetrópolis: **Estudios críticos sobre las ciudades y las regiones**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008.

SOJA, E. W **Regional urbanization and the end of the metropolis era**. In: BRIDGE, Gary; WATSON, Sophie. *A Companion to the City*. Oxford and Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd, 2011, p. 679-689.

UNGERS, Oswald Mathias; KOOLHAAS, Rem. **Die Stadtin der Stadt**. New York: Fine Arts Library, 1977.

VÁZQUEZ, C. G. **Ciudad Hojaldre**. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 2004.

ZUKIN, S. **Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder**. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (IPHAN), Rio de Janeiro, n. 24, p. 205-212, 1996.